

ANTÓNIO FERREIRA

F.W. NO LUMIAR

(INTERVENÇÃO TEATRAL)

personagens:

Friederich Welwitch, botânico

Alísio, jardineiro e desenhador negro



(Parque do Monteiro-Mor. F.W. desenha uma árvore da borracha. Fecha o caderno. Atravessa o caminho e pousa o caderno num cesto de vime, donde retira sementes que planta num canteiro. Bate a terra e ergue-se, olhando as mãos):

-- Faço votos para que estas sementes de medronheiro acabadas de plantar se afundem lentamente na terra, ganhando raízes no seu crescimento lento, tão lento como se fosse o rumo que começou no vento até as encher de vida, faço votos para que possam um dia romper a terra, florescer e dar luz vegetal a este lugar onde ganho raízes também.

Neste jardim onde trabalho, até que as minhas mãos estejam, como agora estão, cheias de terra, de estrume e as minhas unhas carregadas de húmus e de grafite.

Com elas renovo um pacto antigo com a terra, que começou na quinta dos arredores de Viena, onde passei a minha meninice, ajudando o meu pai nas suas experiências com novas variedades de milho.

A Natureza tem de ser estudada com rigor sagrado e na própria Natureza e sempre desejei servi-la como prestimoso e devotado sacerdote.

As minhas mãos escureceram nestes anos que passei em Portugal, preferindo muitas vezes fazer sozinho o trabalho que cabe aos meus ajudantes.

Elas sentem o calor da terra, como a vara do vedor, escolhem o lugar atravessado pela felicidade dos mananciais onde plantar as espécies que o senhor Dom Pedro em boa hora comprou, e que darão, como a araucária que aqui se plantou pela primeira vez em toda a Europa, boas razões para espanto das gerações futuras.

Estas mãos revolvem a terra, enterram bolbos e sementes e acariciam o tronco jovem das árvores que ganham porte e desenho, afagam os fios que pendem dalgumas como se fossem a cabeleira ruiva duma dama que crescesse no tronco, ganhando os braços aéreos de onde brotam as primeiras folhas pela Primavera.

Aqui, neste jardim que também é um pouco meu, vivem as árvores que plantei e me habituei a ver crescer, como um pai que todos os dias mede em silêncio a sombra projectada em polegadas dos que ajudou a gerar. Elas hão-de continuar a medrar, a crescer em direcção ao sol que fecunda a seiva que nelas corre, e hão-de espalhar sombras benfazejas nas áleas deste jardim, fazendo dele um lugar que se procura para descansar e ler, em momentos de comunhão íntima com a Natureza, tão desprezada neste país.

Será um bosque espesso, feito de ramagem que o vento agita, de sombras projectadas no saibro dos caminhos, sombras furtivas que parecem desenhar figuras, tão incertas como os rastos de cal que os pedreiros largam nas suas andanças, gestos esboçados, poeira da linguagem.



(Lava as mãos num regato, despejando o resto na terra, sobre as sementes plantadas e limpa-se a um lenço tabaqueiro que tira da algibeira. Pega no chapéu que está poisado numa pirâmide de pedras e com o cesto de vime na mão esquerda, caminha até à tampa de cimento que cobre o manancial):

-- Quando ponho o chapéu, lembro-me sempre do que dizia um viajante francês que viu Lisboa a bordo dum barco, do barco da imaginação. Escrevia ele que aqui se traz a cabeça descoberta por se achar que a cabeça é a chaminé do corpo e que assim descoberta mais facilmente evapora os fumos do corpo. (começa a caminhar em direcção à escada)

O que era Lisboa para mim, antes de a conhecer? Uma cidade "com ruínas e cães a infestarem-lhe as ruas fedorentas, fradaria e esbirros a vigiarem-lhe a alma e o espírito, criadagem negra à solta, anões na Corte, alcoviteiras nos conventos, senhores brutos à antiga e mendigos ao sol".

Eram coisas assim que associava a Lisboa, mais as imagens do terramoto, ainda hoje tão vivas nas recordações dos lisbonenses.

Eu próprio testemunhei dois fortes abalos de terra que duraram apenas alguns segundos, mas agitaram as pessoas que então dormiam e que saíram para a rua, como se fosse dia.

O ruído surdo, que em tais ocasiões se ouve, como que saído das entranhas da terra, a agitação das águas, o ranger das casas, os gritos pungentes dos animais tornavam tudo mais aterrador. Poder-se-ia dizer, como o poeta, que "as paredes áridas desabam/mas o seu desenho/sobrevive no ar". (desce a escada que leva à cascata)

Um periódico francês, que se referiu ao acontecimento, chama-lhe presságio sinistro do futuro desta infeliz cidade, que mais tarde ou mais cedo será enterrada nas entranhas da terra, mas tudo isso não passa de reflexos da memória funesta do grande terramoto. (para junto da escultura de Catarina Baleiras)

A memória, a memória, que nos quer essa lanterna mágica dizer ao certo, tal como as recordações fugidias que me acorrem à mente, num tropel confuso, ao adormecer? (recomeça a caminhada)

A noite é uma casa de mistérios, foi de noite que cheguei a esta cidade e atravessei de sege as ruas desertas e silenciosas, como se Lisboa fosse uma cidade abandonada e essa impressão fez-se ainda mais lúgubre com o uivar lamentoso dos cães. (para junto à cascata)

O Tejo achava-se bastante vazio, como sucede sempre depois da separação do Brasil, salvo alguns navios mercantes americanos, uns quantos barcos de guerra e vapores pequenos, dos que navegam no rio.

Os botes, amarrados uns aos outros estavam em perfeita imobilidade, apenas algumas canoas deslizavam nas águas que reflectiam o brilho da lua, deixando atrás de si um sulco branco sobre a superfície escura do rio.